



A MARCHA DO ONZE DE SETEMBRO EM SANTIAGO: LUGARES DE MEMÓRIA E A UTILIZAÇÃO DO ESPAÇO URBANO¹

THE MARCH OF THE ELEVEN OF SEPTEMBER IN SANTIAGO: MEMORIAL PLACES AND THE USE OF URBAN SPACE

Lays Correa da Silva *

Resumo: o presente artigo busca analisar a marcha de comemoração do onze de setembro na cidade de Santiago. Neste dia, diversos grupos sociais expressam pela cidade suas formas de lembrar do golpe, ressignificando espaços e construções memoriais. Analisaremos o sentido da marcha que acontece no centro da cidade, que vai do palácio presidencial até o cemitério de Santiago e os lugares de memória pelos quais ela passa. Entendemos que a utilização do espaço urbano nesse caso ressignifica lugares e pretende enunciar uma determinada memória sobre a história recente do Chile.

Palavras-chave: lugares de memória. Chile. História das cidades.

Abstract: the present article analyzes the march of remembrance of the eleven of September in the city of Santiago. On this day, various social groups express the city's ways of remembering the coup, resignifying spaces and memorable constructions. We will analyze the direction of the march that happens in the center of the city, that goes from the presidential palace to the cemetery of Santiago and the places of memory through which it passes. We understand that the use of urban space in this case resigns places and intends to enunciate a certain memory about the recent history of Chile.

Key-words: places of memory. Chile. History of cities

¹ Uma versão preliminar desse artigo foi entregue como trabalho de conclusão da disciplina História das Cidades nas Américas, ministrada pela professora Lise Sedrez em 2018. Ino Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHIS/UFRJ). Agradeço as contribuições de Jorge Oleas com imagens e valiosos apontamentos para meu trabalho.

* Mestranda com apoio CAPES do Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHIS/UFRJ).



Introdução

Desde 1973, quando um golpe de estado pôs fim ao governo de Salvador Allende no Chile e iniciou uma Ditadura Militar que durou dezessete anos, todo onze de setembro é vivenciado em Santiago, capital do país, como uma data de expectativas e incertezas, até mesmo quanto ao próprio funcionamento da cidade. Frotas de ônibus e metrô são reforçadas para que as pessoas cheguem em casa mais cedo na noite anterior. Forças policiais são preparadas para o possível e provável enfrentamento com manifestantes. O que faz com que, quarenta e cinco anos depois a cidade de Santiago seja ainda palco de intensas disputas nesta data, é uma complexa relação entre história, memória e cidade que envolve a criação de marcas territoriais para a rememoração, a ocupação de determinados lugares como forma de homenagear as vítimas e a reivindicação do direito à memória e à ação política no espaço urbano. Analisar quais são os grupos envolvidos nessas manifestações, quais os projetos políticos e as diversas versões do passado em disputa nos permite entender como o espaço urbano pode ser um lugar de disputa.

Neste artigo buscamos fazer uma descrição do trajeto da Marcha oficial que acontece no dia onze de setembro no Chile e uma análise dos lugares de memória pelos quais ela passa. O artigo está organizado da seguinte forma: uma breve contextualização do onze de setembro no Chile, destacando as mudanças de significado ocorridas ao longo dos anos; uma descrição de como a Marcha acontece e por onde ela passa; uma análise da relação entre a Marcha e as marcas territoriais que ela percorre, abordando também a construção desses espaços de memória e as disputas em torno deles.

O onze de setembro de 1973 no Chile

Em onze de setembro de 1973, um golpe militar interrompeu o governo de Salvador Allende. Menos de três anos antes, Allende havia sido eleito pela Unidade Popular com 36,2% dos votos com a proposta de uma “via chilena” para o socialismo: “um caminho democrático para um socialismo democrático” (WINN, 2010, p.75). O projeto de governo de Allende previa mudanças estruturais no Chile como a reforma agrária e a nacionalização dos bancos, minas e indústrias (WINN, 2010, p.109). Seu governo enfrentou diversos boicotes e uma grande instabilidade política se abateu sobre o Chile naquele período.



No dia do golpe, os arredores do palácio *La Moneda* tornaram-se um cenário de guerra, com tanques militares à espera da saída do então presidente para que este renunciasse e entregasse o poder. Detenções já estavam sendo feitas por toda a rua e, ao meio dia, jatos da Força Aérea chilena começaram a bombardear o prédio, deixando-o em chamas com Allende dentro (WINN, 2010, p.179). Enquanto isso, líderes e participantes de movimentos sociais eram levados ao Estádio Nacional onde ficaram presos durante os primeiros dias de governo da Junta Militar, liderada pelo general Augusto Pinochet. A repressão se espalhou por toda Santiago, atingindo também áreas mais distantes do centro urbano, como as *poblaciones*² chilenas³.

Até o ano de 1978⁴, o dia onze de setembro ficou marcado como um momento de comemoração por aqueles que tomaram o poder. O discurso oficial da Ditadura era de que, neste dia, o Chile foi libertado dos marxistas que estavam destruindo o país. Apesar das dificuldades de enfrentamento ao regime, ainda em 1978 iniciaram-se as primeiras manifestações contra a Ditadura neste dia. Em 1983, o regime passava por uma forte crise econômica que abriu espaço para novas formas de manifestações. Até então, os atos contra o regime tinha um caráter mais isolado devido a forte repressão que se abateu sobre os principais grupos opositores nos primeiros anos da ditadura de Pinochet. Já em 1983, de acordo com o cientista social Manuel Garretón, os movimentos do tipo barricadas e *black-outs* foram estendidos às províncias e a repressão endureceu na cidade, mas principalmente, nas *poblaciones* (GARRETÓN, 1989, p.87-102).

Os movimentos contra a Ditadura durante esse período possibilitaram novas formas de ocupação da cidade e os protestos nas ruas passaram a ser realizados principalmente no dia onze de setembro. Dessa forma, de acordo com os historiadores Steve Stern e Peter Winn,

Los activistas desafiaron a la memoria oficial en su propio terreno minado – quitaron a la palabra “once” su significado de celebración del aniversario de la liberación de los marxistas y la convirtieron en su símbolo de protesta y discordia. (WINN; STERN, 2014, p.209)

² Áreas mais pobres da cidade de Santiago, equivalentes aos subúrbios brasileiros.

³ Sobre as repressões nas *poblaciones*, o caso mais conhecido, da población La Légua, é analisado pelo historiador Mário Gárce em: GÁRCES, Mario. Historia y memoria del 11 de septiembre de 1973 en la población La Legua de Santiago de Chile. In: Anne Pérotin-Dumon (dir.). Historizar el pasado vivo en América Latina, 2007.

⁴ A historiadora Azun Candina Polomer realiza um estudo mais profundo sobre as mudanças de significado do onze de setembro e entende esse processo como sendo de “uma instalação realizada, ano a ano, na vida política, social e cotidiana dos chilenos”, ver: POLOMER, Azun. El día interminable: memoria e instalación del 11 de septiembre en Chile. In: JELIN, Elizabeth (ed.), **Las fechas in-felices**, Siglo XXI, Buenos Aires, 2002, pp. 9-48.



Com o fim da Ditadura Militar em 1990, o onze de setembro no Chile adquiriu novos significados a partir do uso desta data por atores políticos e sociais como forma de rememoração, homenagem às vítimas e protesto. Analisamos aqui essas diferentes formas de rememoração do golpe de Estado a partir de uma divisão espacial, buscando tecer alguns comentários sobre a ocupação do centro e das periferias de Santiago neste dia. Entendemos, essas comemorações como sendo:

una práctica colectiva que permite que la memoria se establezca temporal y espacialmente, desplegando en puntos cronometrados de la ciudad, diversas acciones que apuntan a generar el recuerdo. Para construir nuestros pasados, fijamos la memoria en objetos, fechas y lugares, permitiendo que ésta mantenga la conexión entre el pasado, lo que se recuerda, y el presente. (DROGUETT; ESCOBAR NIETO, 2008, p.2-3)

O onze de setembro no centro de Santiago: uma descrição da marcha oficial

A Marcha oficial de rememoração do golpe de 1973 acontece no centro da cidade de Santiago. Ela é tradicionalmente organizada por grupos de Direitos Humanos e, principalmente nos anos redondos, conta com a participação de importantes figuras do governo (PIPER, 2013, p.1018). Durante os governos da *Concertación de partidos por la Democracia*, grupo político que reunia representantes de centro e centro-esquerda, ela adquiriu um tom reconciliatório, num momento em que, após a transição política, o Chile ainda se encontrava extremamente dividido. A Marcha acabou por ritualizar uma determinada memória acerca do golpe de 1973 que permitia promover o diálogo entre os chilenos. Essa vertente conciliatória foi muito criticada, principalmente por grupos mais radicais de esquerda. Estes sempre compareceram ao evento e era comum haver enfrentamento destes grupos com a polícia.

A concentração da Marcha acontece por volta das dez da manhã do dia onze na praça *Los Héroes*, ponto de encontro estabelecido pelas organizações, os partidos e assistentes particulares da marcha (DROGUETT; ESCOBAR NIETO, 2008, p.23). De lá, a Marcha sai em direção ao Palácio *La Moneda*, sendo “encabezaba por las agrupaciones de derechos humanos, seguida generalmente de los partidos políticos y las organizaciones sociales” (DROGUETT; ESCOBAR NIETO, 2008, p.17), no final da Marcha estão localizados os setores mais

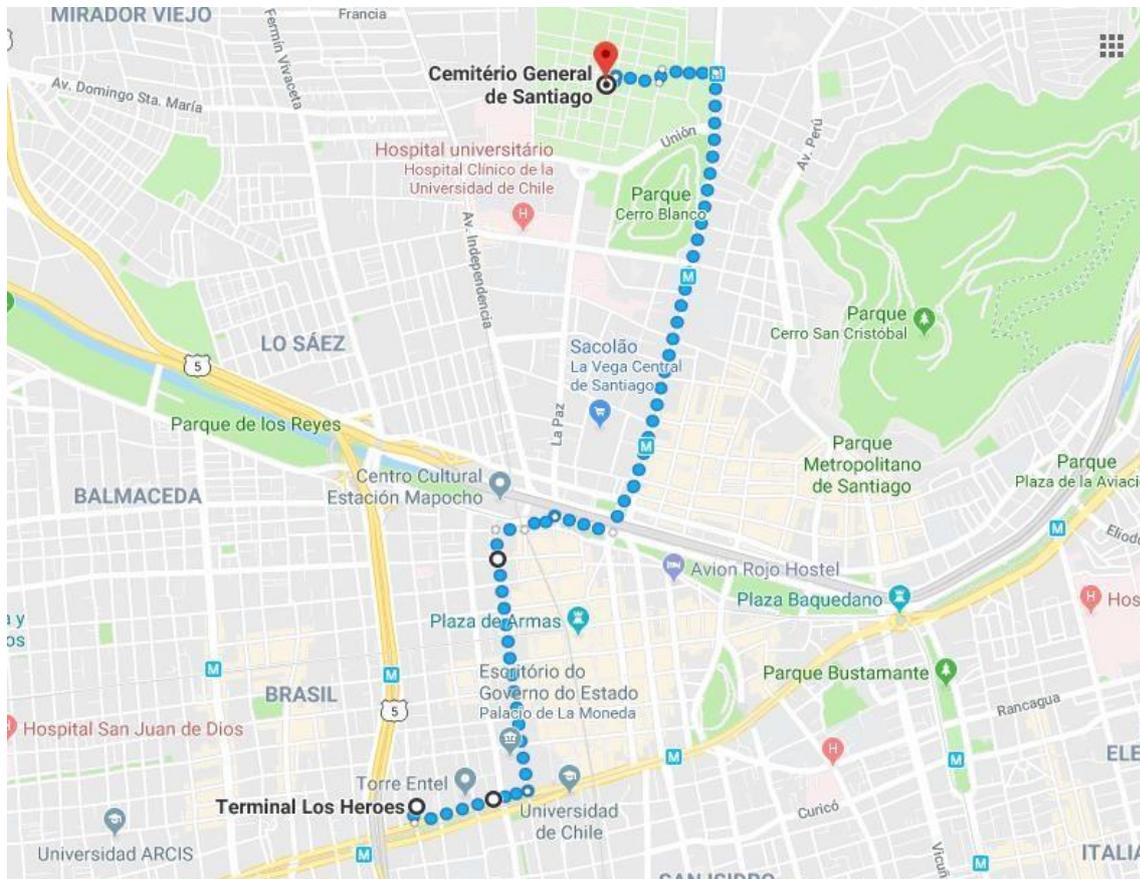


radicalizados. Do *La Moneda*, os grupos seguem pela rua Morandé, onde está localizada a porta pela qual o corpo de Allende saiu do palácio no dia do golpe. Na porta Morandé 80, de uso exclusivo do presidente, são realizadas homenagens a Allende, com flores e pessoas cantando antigos hinos da Unidade Popular. A Marcha parte então para a *Plaza de la Constitución*, onde novas homenagens são feitas à Allende em sua estátua. Em seguida, atravessa o rio Mapocho em direção ao *Cementerio General*.

Chegando no cemitério por volta de meio dia, um grande ato é realizado no *Memorial del Detenido Desaparecido y el Ejecutado Político* onde é finalizada oficialmente a Marcha. Geralmente nesse momento ocorrem enfrentamentos entre os manifestantes e a polícia do lado de fora do cemitério. Com o fim oficial da Marcha, alguns grupos dirigem-se à tumba de pessoas importantes assassinadas pela Ditadura, sendo as mais visitadas as de Salvador Allende, Victor Jara, Miguel Enríquez e dos irmãos Vergara-Toledo⁵. A maior parte dos familiares, no entanto dirige-se ao Pátio nº 29, lugar onde foram sepultadas pessoas que mais tarde foram identificadas como sendo desaparecidos e executados políticos da Ditadura. Existem ainda grupos que se dirigem à tumba de Jaime Guzmán, senador da direita que teve um papel importante na ditadura, morto nos anos 1990, e depredam o lugar. Com o fim dos enfrentamentos do lado de fora do cemitério por volta das três ou quatro da tarde, estes grupos começam a sair e voltam para suas casas.

⁵ A importância desses personagens para a história da esquerda chilena será explicada posteriormente.

Figura 01: Trajeto oficial da Marcha



Fonte: Google Maps

A trajetória da Marcha tem um sentido muito bem determinado: do Palácio presidencial de *La Moneda* até o Cemitério. Esse sentido foi interpretado por muitos pesquisadores e participantes da Marcha como sendo do Poder até a Morte. De acordo com Marcia Escobar Nieto e Roberto Fernández Droguett:

el recorrido de la marcha es el recorrido simbólico de la derrota. Al comenzaren La Moneda y terminar en el Cementerio, se repiten simbólica y urbanamente los hechos históricos: los sectores de izquierda y progresistas estaban en La Moneda en 1973 antes del golpe de Estado, en el poder, ubicado en el centro simbólico de la ciudad y luego son derrotados por los militares, terminando en la muerte, la desaparición y fuera del centro de poder. (DROGUETT; ESCOBAR NIETO, 2008, p.21)

A marcha adquiriu assim o caráter simbólico de uma comemoração triste, um momento para chorar pelas vítimas da Ditadura e render homenagens a elas. A centralidade da vítima no discurso da Marcha deixa de lado a história de luta e resistência por parte dos opositores ao



regime e as propostas revolucionárias do governo de Salvador Allende. Esconde-se dessa forma o que estava em questão naquele momento: a proposta de uma sociedade mais justa e igualitária através do socialismo democrático. O esquecimento dessa memória sobre o golpe promovido pelos setores da *Concertación*, pode ser interpretado também como uma tentativa de impedir que o momento da Marcha se torne um momento contestatório e de reivindicações sociais.

Mas, ainda que haja essa tentativa de controle por parte da *Concertación* sobre a narrativa da Marcha e sobre o uso do espaço urbano durante o evento, é preciso reconhecer como o urbano funciona neste caso como um lugar importante de ação e revolta política (HARVEY, 2012, p.213). Os ataques à bancos e os encontros com a polícia do lado de fora do cemitério nos mostram como esse momento de rememoração do golpe abre espaço para um momento de revolta, principalmente de grupos de esquerda, que utilizam esse momento também para pressionar por melhorias e mudanças.

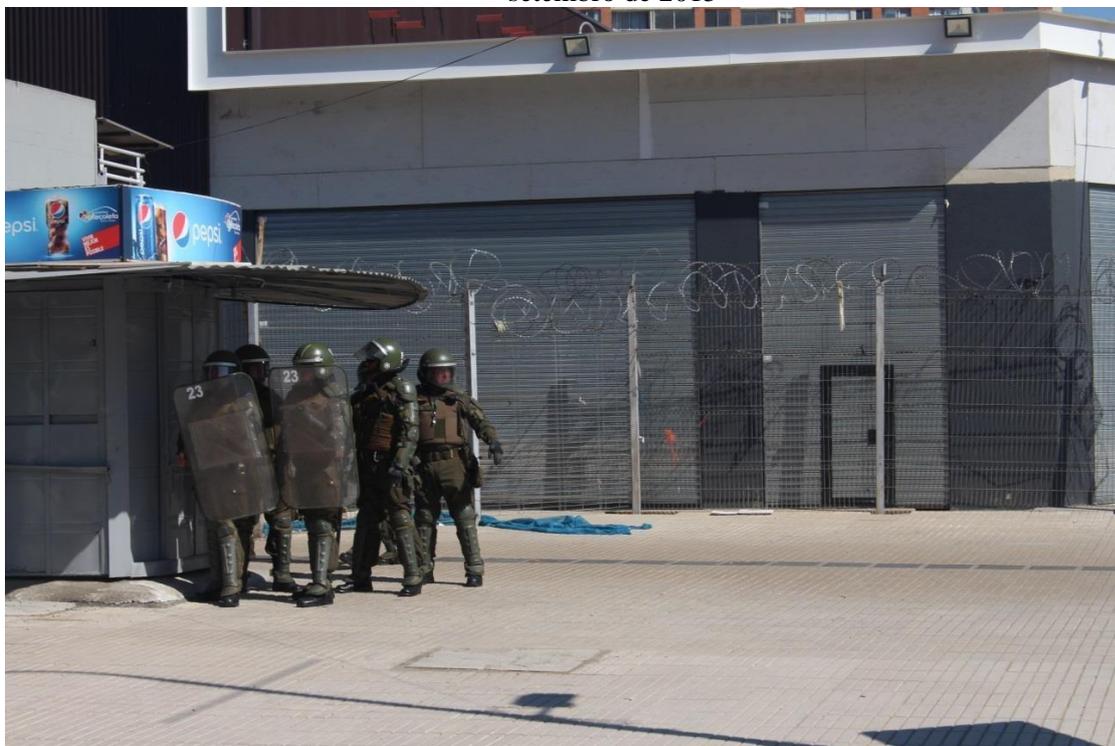
Figura 02: *Sala de espera*, ataque incendiário a um banco. 11 de setembro de 2015.



Fonte: acervo pessoal do historiador Jorge Oleas.



Figura 03: Policiais do lado de fora do Cemitério, durante enfrentamento com manifestantes. 11 de setembro de 2015



Fonte: acervo pessoal do historiador Jorge Oleas.

Na comemoração dos quarenta anos do golpe em 2013, quando o Chile era governado pelo conservador Sebastián Piñera, os eventos oficiais comemorativos do golpe aconteceram com pouca presença do Estado e do governo. O Chile vivia um momento de intensa mobilização social e foram, portanto as organizações sociais, associações culturais e instituições acadêmicas que lideraram grande parte dos atos comemorativos (PIPER, 2013, p. 1009). Nos anos seguintes, com a reeleição da candidata do Partido Socialista do Chile, Michelle Bachelet, o onze de setembro volta a ser comemorado com o apoio do estado.

A Marcha e as marcas territoriais da cidade

Ao analisar o trajeto realizado pela marcha percebemos que o espaço urbano é ocupado por ela de forma a reconstruir uma determinada narrativa sobre o golpe. Pensando a partir da perspectiva da performatividade, os pesquisadores de psicologia social da memória, Marcia Escobar Nieto e Roberto Fernández Droguett, entendem “la marcha como un desplazamiento



que, en tanto utiliza el espacio urbano con una dirección que tiene fines conmemorativos, promueve un cierto sentido del pasado” (DROGUETT; ESCOBAR NIETO, 2008, p.19).

Os lugares pelos quais a Marcha passa são lugares de memória centrais para o entendimento da história recente do Chile: o palácio presidencial *La Moneda*, a porta Morandé 80, a estátua de Salvador Allende e o *Cementerio General*. De acordo com Pierre Nora,

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. (NORA, 1993, p.13)

Estes lugares são responsáveis, portanto, por criar e preservar uma determinada memória acerca de um período. São eles que permitem que o próprio espaço da cidade se encarregue de contar sua história (ROLNIK, 1995, p.18).

As historiadoras Elizabeth Jelin e Victoria Langland ao trabalhar com o que elas chamam de “marcas territoriais” construídas na Argentina após o fim da Ditadura Militar, nos indicam que “construir monumentos, marcar espacios, respetar y conservar ruinas, son procesos que se desarrollan en el tiempo, que implican luchas sociales, y que producen (o fracasan en producir) esta semantización de los espacios materiales” (JELIN; LANGLAND, 2003, p. 3-4). O que as autoras defendem é que a formação de lugares de memória não é um processo pacífico, pois envolve a disputa entre as diferentes memórias sociais existentes. Dessa forma, Jelin e Langland fazem um alerta: “como vehículo de memoria, la marca territorial no es más que un soporte, lleno de ambigüidades, para el trabajo subjetivo y para lá acción coletiva, política y simbólica, de actores específicos en escenarios y conyunturas dadas” (JELIN; LANGLAND, 2003, p. 4).

No caso chileno, o Palácio Presidencial, ponto de partida da Marcha, foi objeto de intensas disputas ao longo dos anos. A antropóloga Francisca Márquez e a arquiteta Valentina Rozas Krause, indicam que

aun cuando el significado histórico de su forma, ha sido una y otra vez reinventado, persisten en su materialidad y su significado, las heridas de la memoria, en el sentido de expresión del trauma colectivo tras su bombardeo sufrido el 11 de septiembre de 1973. Se plantea que el Palacio de la Moneda –una y otra vez remodelado, blanqueado, acicalado– continúa sumido en la búsqueda de un relato histórico que le permita sanar esas heridas. (MÁRQUES; KRAUSE, 2014, p.151)



Figura 04: Palácio Presidencial La Moneda, 2018



Fonte: acervo pessoal

A escolha deste lugar para o início da Marcha nos remete não só a cronologia dos acontecimentos de 1973, mas também a um sentido de oficialidade e institucionalidade da mesma. Esta escolha reafirma a centralidade do palácio presidencial para a construção de uma narrativa de poder a partir da cidade. Ainda sobre o *La Moneda*, a porta *Morandé 80* é um importante lugar de memória para a sociedade chilena. No projeto de reconstrução do palácio implantado pela Ditadura após os bombardeios de 1973, a porta desapareceu e, durante a ditadura, todo o palácio deixou de estar disponível para a visita da população. Esse isolamento do Palácio presidencial e o desaparecimento da porta *Morandé 80*, tornou-se uma metáfora para tudo que se havia perdido com o golpe: “la democracia chilena, el rol de Allende en la historia chilena y los miles de ciudadanos asesinados o secuestrados de forma permanente” (WINN; STERN, 2014, p.236). Somente em 2003, durante a presidência de Ricardo Lagos, é que a porta é reaberta e volta a ser utilizada pelo presidente para acesso ao palácio. O simbolismo da reabertura foi transmitido pelo discurso de Lagos que afirmava: “reabrimos esta puerta para que vuelvan a entrar las brisas de libertad que han hecho grande a nuestra patria” (MÁRQUES; KRAUSE, 2014, p.160).



Figura 05: Porta Morandé 80.



Fonte: <https://www.touristlink.com.br/chile/morande-80/overview.html>

Outro importante ato do governo de Ricardo Lagos foi a construção da estátua de Salvador Allende na *Plaza da Constitución*, por onde hoje segue a marcha em seu trajeto oficial. A estátua mostra Allende caminhando de terno e tem gravada nela uma frase de seu último discurso, pronunciado dentro do La Moneda, “*tengo fe en Chile y su destino*”, com a data de nascimento e de morte do ex-presidente. A escolha por retratar Allende desta forma fazia parte de um projeto político de Lagos para reabilitar a imagem de Salvador Allende entre a população chilena, desassociando-o progressivamente da imagem de um revolucionário de esquerda e tornando-o um mártir da democracia. De acordo com Roberto Droguett,

Esta neutralidad simbólica puede ser un indicio de por qué la decisión de levantar esta estatua fue aprobada por los parlamentarios de la derecha, aunque también puede haber contribuido la definición de este hecho como um acto que apuntaba a la reconciliación y la unidad nacional en torno a los valores de la democracia. (DROGUETT, 2007, p.10)

Figura 06: Estátua de Salvador Allende, 2018.



Fonte: acervo pessoal

Na inauguração da estátua em 2000, o conflito entre as memórias distintas de Allende vem à tona com a presença de manifestantes comunistas que não haviam sido convidados para o evento. Estes cantavam o hino da Unidade Popular, “Venceremos”, buscando reafirmar a memória de um Allende revolucionário (WINN; STERN, 2014, p.235).

O último lugar de memória pelo qual a Marcha passa e onde acontece seu ato oficial de encerramento é o *Memorial del Detenido Desaparecido y el Ejecutado Político*. O memorial marca “el primer momento en el que el Estado se hace cargo de conformar un espacio físico y simbólico que conmemora a las víctimas de la ditadura” (ZIMMERMANN, 2012, p.33). Foi construído com apoio do governo de Patricio Aylwin ainda no início da transição para atender à demanda de grupos de familiares de presos, desaparecidos e executados políticos. O memorial é uma grande muralha de concreto onde estão os nomes de todos os mortos pela Ditadura



investigados pela *Comisión Nacional de Verdad y Reconciliación*. No centro, está o nome de Salvador Allende em letras maiores e em cima de todos os nomes, uma parte de um poema de Raúl Zurita: “*Todo mi amor está aquí y se ha quedado pegado a las rocas, al mar, a las montañas*”. Carla Brodsky Zimmermann, analisa que o poema “encarna de algún modo el sentimiento que este memorial, en tanto que primer gesto de reconciliación pública y artística nacional, intenta encarnar” (ZIMMERMANN, 2012, p.31). Ainda seguindo a descrição da autora sobre o Memorial:

Bajo esta muralla de nombres se puede observar un pequeño jardín, sobre el cual corre el agua en tanto que símbolo de vida y continuo renacer. Cabe destacar que el día de su inauguración fue traída agua de distintos puntos del país representando la amplitud nacional de las personas que aquí se intentan conmemorar. Sobre este pequeño río crecen plantas y arbustos sobre estructuras rocosas que se ven rodeadas por pequeñas instalaciones en recuerdo a las víctimas; arreglos florales, fotografías y placas recordatorias que los mismos familiares de las víctimas han dejado allí, dándole al espacio el sentido fúnebre que las víctimas no pueden conseguir.(ZIMMERMANN, 2012, p.31-32)

Figura 07: Foto do Memorial.





Fonte: ZIMMERMANN, Carla. Memoria y Monumento El memorial en la recuperación de la historia de la represión 1973-1990 en Chile. Tese (Licenciatura em Artes e Teoria e História da Arte)-Facultad de Artes, Universidad de Chile, Santiago, 2012.

O monumento está no centro de uma praça, onde as pessoas podem sentar e ter uma visão geral dele. Entretanto, existe uma controvérsia em torno do local escolhido para sua construção. O monumento está construído numa saída de automóvel, ao lado dos banheiros, sem maiores pontos de referência que permitam sua localização (DROGUETT, 2007, p.10). É necessário destacar ainda que, apesar do apoio inicial do estado ao projeto, no dia de sua inauguração em fevereiro de 1994, devido às pressões políticas pelas quais passava o governo de Aylwin, nem ele nem nenhum de seus ministros estiveram presentes no evento (WINN; STERN, 2014, p.221). Além disso, o memorial inclui os nomes de agentes de estado mortos por razões políticas, mas que haviam participado da repressão dos anos 1960 e 1980, o que pode levar a uma interpretação do memorial como um símbolo do “reconocimiento generalizado de la violencia política de esos años” (DROGUETT, 2007, p.11), congruente com a narrativa da reconciliação nacional dos governos da Concertación.

As tumbas de Salvador Allende, Víctor Jara, Miguel Enríquez e Vergara-Toledo, aparecem como uma apropriação não institucionalizada da memória (DROGUETT, 2007, p.10). A apropriação espacial é a atribuição de um sentido próprio a determinado espaço pelo uso ou identificação com ele. A dispersão que ocorre ao final da marcha em direção a essas tumbas nos permite perceber a heterogeneidade dos grupos que a formam. Grande parte dos manifestantes se dirigem à tumba de Allende, principal figura política assassinada pela Ditadura. Outros ainda dirigem-se ao lugar onde está enterrado Víctor Jara, importante expoente da música chilena morto nos primeiros dias após o golpe. Existem ainda grupos que revivem a

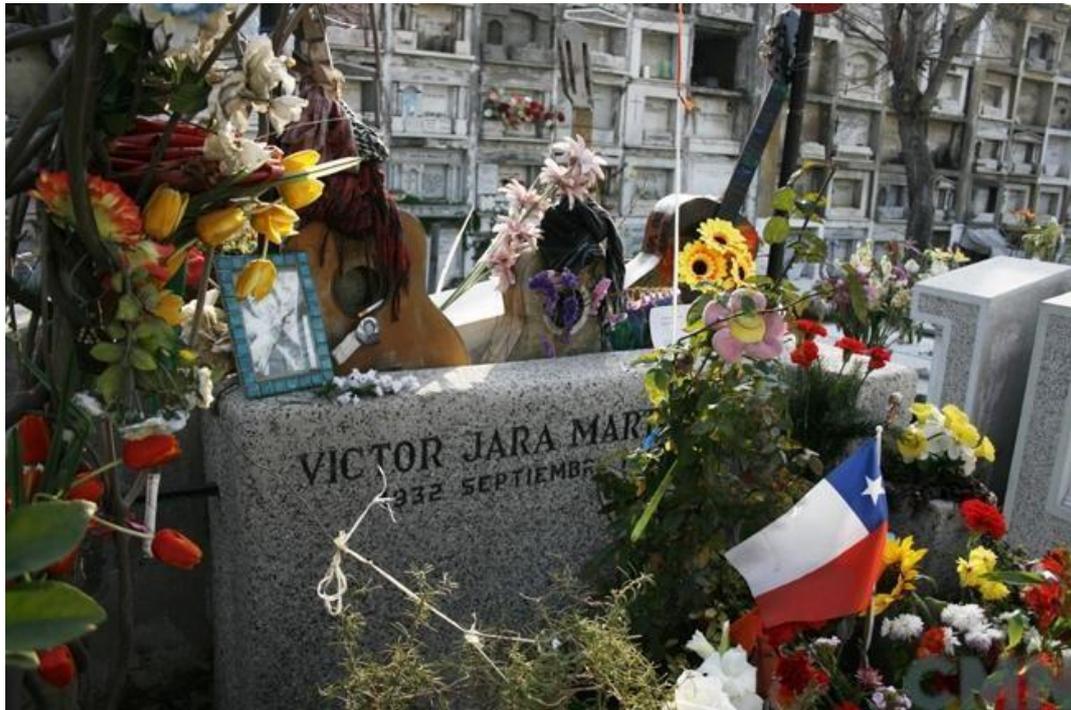
memória do *Movimiento de Izquierda Revolucionario* (MIR), principal grupo da esquerda radical chilena, ao visitarem a tumba de seu antigo líder Miguel Enriquez, assassinado pela Ditadura. A tumba dos irmãos Vergara-Toledo, também assassinados pelo regime, é visitada buscando enaltecer a memória da resistência juvenil durante a esse período. A escolha desses lugares específicos nos mostram a existência de memórias, oficiais e subterrâneas (POLLAK, 1989, p. 3-15), acerca desse momento do golpe.

Figura 08: Tumba de Salvador Allende no dia 11 de setembro de 2014.



Fonte: https://www.cooperativa.cl/noticias/pais/salvador-allende/chilenos-visitaron-la-tumba-de-salvador-allende-este-11-de-septiembre/2014-09-11/202652_2.html#foto-galeria

Figura 09: Tumba de Victor Jara.



Fonte: <https://www.monumentos.gob.cl/monumentos/monumentos-historicos/patio-no-29-actual-no-162-cementerio-general>



Figura 10: Foto tirada por um militante da tumba de Miguel Enriquez no dia 11 de setembro de 2016.



Fonte: <https://twitter.com/cacerolachilena/status/775005455131303936>

Figura 11: Foto da romeria do MIR numa das manifestações do onze de setembro.



Fonte: https://www.flickr.com/photos/mir_chile/albums/72157631490417736



Já o Pátio nº29 foi utilizado pela Ditadura para esconder os corpos de pessoas mortas de forma ilegal pelo regime. O pátio mantém a maioria das cruzes instaladas nos anos 1970 e 1980 que demarcam as 2843 sepulturas que contém os corpos enterrados ilegalmente e é visitado por familiares para lembrar as vítimas menos conhecidas da Ditadura.

Figura 12: Pátio nº29.



Fonte: <http://www.monumentos.cl/monumentos/monumentos-historicos/patio-no-29-actual-no-162-cementerio-general>

Por último, a tumba de Jaime Guzmán é ciclicamente profanada por grupos de esquerda. Esse ato, pode ser visto como uma forma de reatualizar, dentro da performatividade da Marcha, a luta entre direita e esquerda no Chile. Na foto abaixo podemos ver que a tumba não é simplesmente degradada, existe uma mensagem política por trás dessa intervenção que corresponde a dois projetos de países que estiveram em disputa em 1973 e permanecem até hoje: o Chile socialista de Salvador Allende e o Chile neoliberal de Pinochet:



Figura 13: *Juramento a la patria*



Fonte: acervo pessoal do historiador Jorge Oleas.

Considerações finais

O que pretendemos analisar nesse artigo foi a disputa de memória em torno do golpe militar chileno a partir de uma perspectiva espacial buscando perceber a cidade e suas construções como atores históricos e não apenas palco das disputas de memória que ocorrem neste espaço. Os diversos grupos envolvidos nessa disputa ressignificam constantemente os lugares pelos quais a marcha passa, se relacionando com eles e promovendo através deles a memória daquilo que desejam lembrar. Não esquecendo que esse processo está marcado também por esquecimentos, já que a escolha por passar em um lugar e não outro significa deixar de lado uma determinada memória que poderia ter sido lembrada.

Partindo da reflexão da urbanista Raquel Rolnik que propõe entender a cidade como um alfabeto a partir do qual palavras e frase são construídas, podemos dizer que a cidade como narrativa não é nunca uma construção pacífica, mas pelo contrário, a utilização de seus muros, ruas e espaços para montar determinadas frases, passam pela subjugação de outras tantas frases possíveis de serem escritas.



Referências Bibliográficas

DROGUETT, Roberto. Los Lugares de la Memoria del Golpe y la Dictadura Militar en Chile. Un análisis autoetnográfico de la marcha del 11 de Septiembre. **Cuad. Neuropsicol.** 2007; 1(2), 150 – 164, p.10.

DROGUETT, Roberto; ESCOBAR NIETO, Marcia. Performatividad, memoria y conmemoración: la experiencia de la marcha Rearmeenel Chile post-dictatorial. **Forum: Qualitative social research**, vol. 9, n. 2, Art. 36, maio 2008, p.2-3.

GÁRCES, Mario. Historia y memoria del 11 de septiembre de 1973 en la población La Legua de Santiago de Chile. In: Anne Pérotin-Dumon (dir.). *Historizar el pasado vivo en América Latina*, 2007.

GARRETON M., Manuel Antonio. Mobilizações populares, regime militar e transição para a democracia no Chile. **Lua Nova**, São Paulo, n. 16, p. 87-102, Mar. 1989. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64451989000100004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 11 jun. 2017

HARVEY, David. **Cidades Rebeldes: Do Direito À Cidade À Revolução Urbana**, S. Paulo, Brazil: Martins Fontes, 2014.

JELIN, Elizabeth; LANGLAND, Victoria. Las marcas territoriales como nexo entre pasado y presente. In: *Memorias de la Represión Vol. 5: Monumentos, memoriales y marcas territoriales*, Madrid: Siglo XXI Editores, 2003, p.3-4.

MÁRQUES, Francisca; KRAUSE, Valentina. Lasheridas de la memoria: disputas patrimoniales em el Palacio de la Moneda, Chile. **Cuadernos de Antropología Social**, n. 40, pp. 149-176, 2014.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo: PUC-SP. Nº 10, p. 12. 1993.

PIPER, Isabel. La memoria como moda y la conmemoración como farándula: reflexiones críticas em torno a los 40 anos del golpe de estado em Chile. **Anuari del conflicte social** 2013, p. 1018.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2. n. 1, 1989, p. 3-15.

POLOMER, Azun. El día interminable: memoria e instalación del 11 de septiembre en Chile. In: JELIN, Elizabeth (ed.), **Las fechas in-felices**, Siglo XXI, Buenos Aires, 2002, pp. 9-48.



ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995, p.18.

WINN, Peter. **A revolução chilena**. São Paulo: Editora Unesp, 2010, p.75.

WINN, Peter; STERN, Steve. El tortuoso camino chileno a lamemorialización. In: WIIN, Peter; STERN, Steve; LORENZ, Federico; MARCHESI, Aldo (Orgs.) **No hay mañana sin ayer: batallas por la memoria histórica em el Conor Sur**. Santiago: LOM Ediciones, 2014, p.209.

ZIMMERMANN, Carla. Memoria y Monumento El memorial en la recuperación de la historia de la represión 1973-1990 en Chile. Tese (Licenciatura em Artes e Teoria e História da Arte)-Facultad de Artes, Universidad de Chile, Santiago, 2012.